

# ENTREVISTA COM RONALDO MARTINS GLUFKE

**Q**uando comecei a trabalhar na Portobello S/A, indústria de revestimentos cerâmicos de Tijucas-SC em 1997, me interessei pela área de design de produtos e então comecei a cursar Design Industrial pela UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí, onde me formei em 2003. Pela mesma universidade e dando continuidade à ampliação de conhecimento, optei por fazer a Especialização em Design Gráfico e Estratégia Corporativa, cerca de um ano depois.

Continuei trabalhando na Portobello e fui ascendendo de posto, passando de designer júnior à designer pleno. Posteriormente, atuei como coordenador da equipe de design da empresa. Com a necessidade de coordenar pessoas, veio a necessidade de aperfeiçoamento profissional. Fazer o mestrado foi também uma consequência do meu desenvolvimento como designer. Comecei também a dar aula de projeto do produto e metodologia no SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, de Tijucas (SC). Essa experiência me abriu para a carreira

acadêmica e foi quando me inscrevi na primeira turma do Mestrado em Design e Expressão Gráfica da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, me formando o primeiro mestre em Design e Expressão Gráfica do país em 2008. Neste mesmo ano ganhei o prêmio IF Design Award, oferecido pelo IF International Forum Design de Hannover, na categoria Public Design/Interior Design com o produto Vision, um revestimento cerâmico produzido pela Portobello.

O mestrado na área de Gestão do Design forneceu-me base teórica e segurança, suprimindo algumas lacunas que meu novo cargo exigia, como visão estratégica e organizacional.

Ter feito mestrado me abriu mais uma porta: foi quando deixei de trabalhar na Portobello e fiz concurso para a UFSM - Universidade Federal de Santa Maria-RS, onde faço parte do quadro de professores desde 2009.

Na universidade federal tive oportunidade de cursar um doutorado. Atualmente curso o doutorado em Design na UNIFI - Universidade degli Studi di Firenze, em

"O mestrado na área de Gestão do Design forneceu-me base teórica e segurança, suprimindo algumas lacunas que meu novo cargo exigia, como visão estratégica e organizacional."

Florença na Itália, onde estou adicionando conhecimentos na área da metodologia em Design, design de superfície e sustentabilidade.

Cheguei à Itália em janeiro de 2014, e devo ficar pelo tempo de duração do doutorado. A aproximação com uma cultura diversa da nossa tem sido uma experiência boa, principalmente por que estou tendo a oportunidade de ter esta aproximação com o design italiano, com o modo de ensinar o design italiano. Esta possibilidade de analisar e ter algumas percepções sobre as diferenças entre o design italiano e o brasileiro, acredito, será de grande proveito, tanto em termos de uma nova perspectiva, como certamente uma nova maneira de ensinar o design quando retornar ao Brasil.

O que eu vejo como uma grande diferença é essa: nossa cultura apenas recentemente descobriu a necessidade da valorização das identidades territoriais brasileiras e a conexão do design com nossas bases artesanais. Isso já vem acontecendo de alguns anos pra cá, e, com sucesso, está se refletindo em bons e consagrados produtos, como por exemplo, a cadeira Chita do designer Sergio J. Matos, que é formado em design de produto pela Universidade Federal de Campina Grande, e que une design ao artesanato. Tive a oportunidade de conhecer na última edição do Fuorisalone, evento paralelo ao Salão do Móvel de Milão em abril último. A diferença está no fato de que para os italianos esta percepção de valor sobre as identidades culturais e territoriais, já faz parte do DNA do design italiano. E que há muito tempo já se colhem os frutos desta postura, com a consagrada identidade do “Made in Italy”.

Eu exerço atividades atualmente junto ao laboratório de sustentabilidade da UNIFI, coordenada pelo meu orientador, o professor Giuseppe Lotti. Cada vez mais surgem tanto novas pesquisas com os estudantes da área do design quanto projetos mantidos por empresas que estão interessadas no desenvolvimento de algum produto ou serviço com características sustentáveis. Também percebi que por aqui as empresas que estão no mercado têm uma relação mais estreita com a universidade, muitas procuram os laboratórios da universidade para desenvolver projetos, realidade que lamentavelmente não se observa muito

no Brasil. Sabemos que essa política ajuda tanto às empresas, que muitas vezes não têm como manter setores de pesquisa e desenvolvimento, quanto os próprios estudantes, que têm a oportunidade de estar em contato com o mercado e suas exigências antes mesmo do término da graduação.

A sustentabilidade a meu ver deve e deverá sempre ser um norteador no desenvolvimento de produtos, mas infelizmente a minha experiência como profissional de design atuante na indústria, me fez ver e conhecer a realidade distorcida deste objetivo. A sustentabilidade não pode ser apenas elemento de marketing ou de resultados de ações solicitadas por órgãos controladores do meio ambiente. A sustentabilidade deve estar presente no desenvolvimento do produto, como consciência de base, e quem sabe em um futuro, tornar desnecessária a exigência de controle ambiental que existe atualmente sobre a produção industrial.

Estando na Europa também fica mais fácil acompanhar as feiras que apresentam as novidades do design mundial e em abril foi a segunda vez que fui acompanhar o Salão do Móvel de Milão. Visitando os estandes tanto das empresas que são referência em design, quanto os salões paralelos que abrem espaço para novos talentos, pude perceber um aumento constante da preocupação com o meio ambiente através da pesquisa de novos materiais e novas técnicas produtivas menos agressivas. É bom ver que são posturas que serão copiadas e que tendem a fazer parte do dia a dia do desenvolvimento dos produtos também no Brasil.

